Fábula n.º 182 — «A Serpente de Júpiter pediu,»

A Serpente de Júpiter rogou
Que lhe desse a voz de um rouxinol.
«Pois já», diz: «a vida me é odiosa.
Por onde quer que eu apareça,
Todos fogem de mim,
Os mais fracos;
E dos mais fortes,
Deus me livre de sair viva deles.
Não, mais não suporto tal vida;
Mas se eu cantasse como um rouxinol na floresta,
Então, causando admiração,
Conquistaria o amor e, talvez, a estima.
E seria a alma de alegres conversas».
Júpiter atendeu o pedido da Serpente;
O nojento chiado desapareceu sem deixar rastro.
Subindo numa árvore, a Serpente ali se instalou,
Como um belo rouxinol, a minha Serpente cantou,
E um bando de pássaros, já ia, de toda parte se juntando a ela;
Mas, fitando o cantor, todos da árvore caíram como chuva.
A quem agradará tal recepção?
«Acaso a minha voz vos é desagradável?»
Com irritação diz a Serpente.
«Não», respondeu o estorninho: «é sonora, maravilhosa,
Cantas, decerto, não pior que um rouxinol;
Mas, confesso, o nosso coração estremeceu,
Quando vimos o teu ferrão:
É-nos temível estar contigo.
Assim, digo-te, não por te contrariar:
Ouvir as tuas canções nos dá gosto —
Mas afasta-te de nós um pouco».